



Ronaldo Werneck

Há Controvérsias

Para Mané, para Elza, para Chico, para Pelé e Afonsim

Ano seguinte, 1966, Carlos Sérgio foi pra um apartamento no Leme (que nós dividiríamos tempos depois) e Afonsinho e eu pra Copacabana, pro famigerado Edifício 200 da Rua Barata Ribeiro. O 200 é o seguinte, bicho. Sabe, gente, é tanta coisa, tanta gente, não dá pra contar ou cantar. Tanta coisa que a gente nem sabe ou quer mais saber. Foi quando surgiu o Tião, que veio morar conosco. Quer dizer, um à época bancário –



este aqui – e dois bateras. Enquanto eu dormia, os dois tocavam pela boates de Copa e dessa vida afora. Eu acordava com eles chegando, cansadíssimos. Só nos falamos mesmo à noite quando, de volta do trabalho, saíamos juntos: eu pra jantar, os dois ainda pra almoçar.

Pelo apartamento do 200 passaram vários e vários músicos. Alguns “passavam de passagem”, ficavam só dois, três dias; outros, até mesmo três meses, como aconteceu com o Wagner Tizo, então um jovem pianista iniciante na noite. Muita gente, tanta, tantos músicos: Martinho da Vila, os também bateristas Robertinho Silva, o saudoso Milton Banana, João Batista Stockler (meu querido amigo Juquinha, que também já se foi – o baterista que acompanhou João Gilberto e Tom Jobim no emblemático álbum inicial da Bossa Nova, o *Canção do Amor Demais*, além de ter sido parceiro de Tom em sua primeira canção, *Faz uma Semana*), o pianista Paulinho Cego (onde andarão?), o guitarrista Írio de Paula, Djavan e outros e outros. Até mesmo o atazanado saxofonista e arranjador Tranka (cadê você?), que fez ali mesmo, na sala, o arranjo para uma canção que o Martinho da Vila iria colocar num dos festivais da época (detalhe: Martinho preocupadíssimo, pois o violão onde o Tranka fazia o arranjo tinha uma corda a menos). Nosso apartamento parecia mesmo um estúdio. De malucos – e mais que talentosos.

Eu chegava de terno do trabalho e era um corpo estranho. Lembro que o baterista Milton Banana sempre me perguntava pelas cotações, pois achava que eu era um *broker* da Bolsa de Valores. Afonsinho, Tião e eu mal segurávamos o riso (“hoje não foi nada bom, as ações estão em queda”, dizia eu a sério). Um dia, faltou luz. Sexto andar, sem elevador. *Showtime*: hora de descer para o trabalho nas boates. Paulinho Cego vira-se pro Afonsinho: “Segura aí nas minhas costas, que hoje o Ceguinho é que vai conduzir a parada!”. É, não dá mesmo pra contar. Vivenciamos ali quase tudo que meu amigo, o dramaturgo Paulinho Pontes, que morava nas redondezas, iria contar depois em sua peça, “Um Edifício Chamado 200”. Houve um tempo, anos à frente, quando o Paulinho estava casado com a Bibi Ferreira, em que eu ia muito à casa deles, junto com meus amigos paraibanos – o compositor Marcus Vinicius, hoje maestro e arranjador, e o Waltinho Carvalho, então estudante da Esdi e agora fotógrafo e cineasta de merecida fama. Às vezes me pergunto: será que muitas daquelas inacreditáveis histórias do 200 que eu contava não teriam servido como motivação para o Paulinho Pontes escrever sua peça?

Mas, voltemos ao Afonsinho. Sozinho, ele era uma bateria em sua plenitude. Com uma levada que substituía toda a bateria de uma Escola de Samba. Morando juntos, às vezes eu o acompanhava e assistia aos shows. De todos, lembro particularmente de um com a Elza Soares e os Originais do Samba, que na época contava com Almir Guineto e o Mussum pré-Trapalhões no reco-reco. Foi uma temporada num teatro do final do Leblon e a bateria-escola-de-samba do Afonsinho quase abafava o Samba dos Originais. Vi o show várias vezes – tantas que lá pelas tantas nem entrava mais no teatro. Esperava o meu amigo num boteco em frente. Eu e o Mané Garrincha que, por sua vez, esperava a Elza.



Vamos e venhamos – mas não muito rápido, senão o barco balan-balançando balança todo pra lá e pra cá e ficamos definitivamente borrachos: enquanto eu bebia um ou outro modesto uisquinho, o Mané derramava sucessivos copos de conhaque. Copos mesmo, daqueles americanos, dos grandes. Nunca vi coisa igual. Final do show, atravessávamos a rua para “pegar o pessoal” – o Mané impávido, como se tivesse bebido guaraná. Ufa! Anos, muitos anos depois, eu o veria entrar num botequim de Laranjeiras, nove da manhã, o rosto inchado, os olhos que não olhavam mais para nada. Mané nem me viu: sem condições. Virou num só lance uns três copos de conhaque, daqueles de sempre, e saiu cambaleando pela calçada, as tortas pernas trôpegas. Nunca mais o vi.

Pois é, o Mané Garrincha, companheiro do Afonsinho em várias peladas romanas, ao lado do mesmo Chico Buarque com quem meu amigo gravou, na Roma dos anos 1970, um disco antológico, *Per un pugno di samba*, com a Orquestra de Ennio Morricone. No encarte, diz o produtor Sergio Bardotti, também autor das versões das letras do Chico pro italiano (faço aqui uma tradução apressada do final do texto de Bardotti): “É

provavelmente (*o disco*) o menos comercial, o menos vendável, o menos “gosto médio” que jamais produzi, mas quem ainda tem um tico de sensibilidade nos ouvidos, quem resistiu ao assalto de baterias e guitarras a 400 decibéis, o amarará como nós que o fizemos, como a dona música bem o manda.”

A bateria de Afonsinho (*il bambino Affonso*, como está nos créditos do encarte) permeia quase todas as faixas na base da vassourinha, assim meio *cool*, segurando sóbrio a “cozinha” pra voz de Chico (como queria Sergio Bardotti). Quase, porque em *Sogno di um carnevale* (“Sonho de um Carnaval”) e *Ora dico sul serio* (“Agora falando sério”) *il bambino* se solta e manda ver como num prenúncio de suas melhores performances, que ainda estavam por vir. É um belo disco esse do Afonsinho acompanhando Morricone & Chico Buarque, o mesmo Chico que faria bem mais tarde a canção “Futebol”, aquela que termina com “Para Mané, para Didi, para Pagão, para Pelé e Canhoteiro”.

Pagão, do Santos, e Canhoteiro, do São Paulo, eram ídolos do menino Chico Buarque. Tempos depois, canção pronta e já famosa, Pagão chegou a jogar uma partida no Politeama, o time do Chico. Mané, Didi e Pelé, vocês sabem quem são, ou não? Pelé, pois é. Ninguém acredita, e nem mesmo sei como eu e Afonsinho fomos parar na arquibancada do Maracanã, atrás das redes do goleiro Andrada, do Vasco, naquela noite



de uma quarta-feira de 1969, quando o santista Pelé faria seu milésimo gol. Apesar de flamenguistas, nós só íamos ao Maracanã quando Pelé jogava, e mesmo assim muito raramente. Mas estávamos lá, atrás daquele gol, o Andrada quase pegando o pênalti cobrado por Pelé. Explodir de flashes, foguetes, gritos de gol – e nós, como sempre, testemunhas “auriculares” dessa e de outras histórias.

Mas, antes, houve o segundo “porre negro”. Ainda a falta de cigarro na madrugada. Já morava no Leme: desci e peguei o carro, o nosso Gordini, o imbatível bólido que, além do apartamento, também dividia com o Carlos Sérgio. Mal liguei o Gordini, lembrei-me que podia ir a pé, pois o Bar do Careca, a salvação da madrugada, ficava logo ali, no início do Leme. Mas chuscava, e bateu preguiça. Nem bem passei a terceira e já chegava ao bar, ao lado das boates onde fervilhavam os jovens músicos da época – do Chico Buarque, que fazia show com a Odete Lara no Arpège, ao pessoal do Grupo Manifesto, Gutemberg Guarabira & Cia. Todos saíam das boates e terminavam a noite no Careca.

Nem bem cheguei, o Afonsinho e sua bateria desceram de um táxi, vindos de um baile na Zona Norte. Um encontro desses, assim na madrugada, merecia um chope, né mesmo? Uns dez chopos depois, resolvi dar uma carona pro meu amigo e sua bateria. Nem bem entramos no carro e perguntei (de onde fui tirar isso?) se ele já tinha ido alguma vez ao Cristo Redentor. Pois é, nós morávamos no Rio há uns quatro anos e nunca

subimos o Corcovado – “o Redentor, que lindo”, da canção do Tom . “Ora, ora, Afonsinho, então vamos lá”. E fomos, em meio à chuva, os chopes ainda chacoalhando em nós. No final do Cosme Velho, paramos numa padaria, o dia já querendo vir, e compramos uma garrafa de Fogo Paulista. Até hoje, só de ouvir esse nome já me sinto meio nauseado.

Na subida, Fogo Paulista rolando, o Gordini ia também rolando na pista molhada, em meio a curvas e mais curvas (pra quê tanta curva, meu Cristo?) – e nada do Redentor surgir. Lá pelas tantas, o Gordini deu uma rabeada, pura imperícia de motorista iniciante, e Afonsinho se assustou. Tudo bem, eu disse: tamo subindo, mas já tô testando o freio pra descida. Não sei se Afonsinho acreditou na tirada surrealista, mas lá fomos nós até *el cumbre del Corcovado*. Nem bem os faróis bateram no platô vi dois fuscas e um punhado de gente estranha parecendo dividir drogas, roubo, coisas da malandragem. Reduzi o bólido num só lance, dei meia volta e desci desabalado.

Pelo retrovisor, vi os fuscais faróis dos dois fuscas (o)fuscando ensandecidos atrás de nós. Não sei mais como fiz todas aquelas curvas, o coração aos saltos. Num lance de sorte, dobrei numa estrada vicinal. Os dois fuscas sumiram do retrovisor. Parecia perseguição de cinema. E não era? Como os fuscas, também o porre passou. Percebi que estávamos em Santa Teresa. Pegamos alguma outra descida, ainda meio perdidos, e nos vimos nas proximidades da Avenida Brasil. Levado pelos fuscas, o susto sumiu. Ufa!

Virei pro Afonsinho, mais branco que eu devia estar, e soltei de uma só vez: “vamos pra Vila da Penha fazer uma surpresa pra Marilda”. Acho que esse era o nome da sobrinha do pianista que tocava com ele, e que eu andava meio que namorando. Na Vila da Penha, deixei o Afonsinho num boteco e bati na casa da moça. Ela estava saindo pra missa das sete e me olhou assustada, pois eu estava mesmo de assustar. Mal me cumprimentou e partiu a passos firmes pra igreja. Eu voltei pro boteco, pedimos um pão com salame e uma cerveja pra rebater. Fim de noite, de susto, de “Redentor, que lindo”, de namoro infindo. Pão com salame parecia ser o “gran finale” de todos nossos porres.

Vejam no link o show do trio Afonso/ Alessio/ Írio com a Orquestra Pino Calvi Nápoles/1976

<https://www.youtube.com/watch?v=6RbsfxrqG2M>

Continua na próxima semana